

A INSERÇÃO DA JUVENTUDE CAMPONESA NOS MOVIMENTOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL: A TRAJETÓRIA EDUCATIVA E FORMATIVA DO COLETIVO MUNICIPAL DE JOVENS DE SERRINHA – BA

Ana Paula Lopes
anapaulaa.lopes@hotmail.com
Universidade do Estado da Bahia
Jorge Souza
souzaygor@hotmail.com
Universidade do Estado da Bahia

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da nossa proposta de Estágio desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado I: Espaços não formais, a qual comporta 60 de sua carga horária no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI. O local do estágio foi o Coletivo Municipal de Jovens de Serrinha (CMJ) e teve sua duração de 15 de Julho a 06 de Agosto.

Esta pesquisa buscou fazer análise sob o um universo micro correspondente a amostra dos jovens do campo que participam dos movimentos sociais, seja como representante de suas comunidades e municípios, seja como beneficiários dos projetos. Juventude esta que há muito tempo sofrera preconceitos e subestimações no que concerne às suas capacidades, sobretudo intelectuais, que outrora sofrera tantas invisibilidades no decorrer do tempo, não obstante, tão semelhante ao olhar deturpador em volta dos remanescentes quilombolas, os indígenas e dos povos negros no chamado processo civilizatório.

Esta categoria social é uma das laminas primordiais e que vem ganhando centralidade nas discussões de cunho político-social. Neste sentido, o cerne da problemática que pretendo discutir é: De que forma esses movimentos (Coletivo Municipal de Jovens de Serrinha) trabalham no intuito de formar jovens numa busca de melhoria da qualidade de vida, onde os mesmos tenham uma formação adequada? E de que forma os movimentos de participação social trabalham no incentivo aos jovens da importância de estarem inseridos nesse meio? É em torno disso que precisamos pensar um pouco.

O nosso objetivo se constituiu em compreender como o Coletivo Municipal de Jovens de Serrinha contribui para a participação social, bem como a formação

educacional, profissional e para a melhoria da qualidade de vida dos jovens do campo. Este nosso trabalho é resultado de um conjunto de inquietações que subdividem dois eixos imprescindíveis.

Em primeira instância, a referente pesquisa possui relevância social, pois esta parte da premissa de que é fundamental memorar as contribuições e ações desenvolvidas pela sociedade civil organizada enquanto processo histórico e ideológico de um dos territórios mais ricos como o território do sisal, e por compreendermos ainda, que existe pouquíssimo acervo e/ou escritos que validem os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelo Coletivo de Jovens. Em segunda instância, considerando que alguns jovens do campo, inseridos/as no movimento social, organizam-se, juntam-se aos pares, questionam, problematizam, no entanto, poucos conhecem e/ou reconhecem a sua bandeira de lutas dentro do território do sisal.

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA *versus* FORMAÇÃO PARA ATUAÇÃO POLITICA: UMA PREOCUPAÇÃO ATRELADA À DINAMICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A história do Brasil é marcada por uma grande massa de exclusão, que vem desde os tempos de escravidão de Negros, tramitando com o passar do tempo por índios e pobres, excluindo-os e colocando-os à margem do sistema que se perpetua hoje, o capitalista. Desde quando se narra a História do Brasil, isso por volta dos anos 1800, percebemos que o Brasil enfrenta um cenário de revoltas, resistência e transformações de cunho político, cultural, econômico e social. Isso acontece no momento onde o Brasil torna-se e depois deixa de ser colônia de Portugal até chegar a tornar-se República.

Sabemos que a exclusão que nos referimos aqui gira em torno de muitos outros segmentos dos classificados como marginalizados, como os sem teto, abandonados, migrantes, refugiados, famintos de todo o mundo, no entanto, optamos por iniciar a discussão em torno dos colonizados (Negros e Índios), por considerarmos que a colonização é o ponto de partida da história política do Brasil, onde tudo começa, e onde ainda, estes sujeitos são hierarquicamente inferiorizados devido à insatisfação de uma política que estabelece a dicotomia das relações étnico-raciais, a exemplo da política de branqueamento instituída por volta do século como bem lembra Souza e Croso (2007).

Historicamente, os Movimentos Sociais e a Educação possuem um laço eximo de união. Isso porque os grupos civis defendiam em suas pautas e centravam em suas discussões os vários povos excluídos pela sociedade: os negros, índios, mulheres, juventude, classes subalternas, homossexuais, etc. Essa é a sua maior relação com a Educação, pois valoriza a questão da cidadania e sua busca constante, as utopias que se tornaram ilustradas, o sonho pela transformação social.

Muitas das lutas narradas na história do Brasil eram sentimentos de insatisfação da sociedade civil organizada para com o ensino público. Para Demo (1993), “entende-se por organização da sociedade civil a capacidade histórica de a sociedade assumir formas conscientes e políticas de organização”.

A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O ato de pesquisar é uma atividade natural e corriqueira adotada pelos diversos sujeitos sociais, no entanto, dentro da academia o termo pesquisa está eminentemente ligado à cientificidade, ao senso crítico e aos aspectos intrínsecos à verossimilhanças. Segundo Medeiros (2004), ao falar de ciência, surge de imediato um primeiro conceito, o qual diz que tal termo se identifica com um conjunto de procedimentos que permite a dimensão entre aparência e essência dos fenômenos perceptíveis pela inteligência humana.

A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Mediante a natureza dos estudos que pretendemos desenvolver aqui, a referida pesquisa está estritamente intercalada aos processos educativos e sua conjuntura surge numa perspectiva situação-problema eminentemente ligada à sociedade, por este motivo, designamos a abordagem qualitativa para ser a nossa baliza nestes estudos.

A abordagem qualitativa tem sua gênese teórica na corrente filosófica da Fenomenologia. Segundo André (1995, p. 18) “a abordagem qualitativa de pesquisa, respalda-se na concepção idealista-subjetivista ou fenomenológica, e faz-se presente também nas ideias do interacionismo simbólico, da etimologia e da etnografia”.

Na pesquisa qualitativa, o viés social é visto como um mundo de significados passível de investigação, onde abarcam aspectos elementares como a linguagem dos

atores sociais e suas praticas e as matérias primas dessa abordagem. A relevância em fazer o uso da abordagem qualitativa expressa-se pelas palavras do teórico Teixeira (2000) compreendendo que tal pesquisa:

Aponta a dinâmica do real. Trata de coisas em si. A representação e a essência. Busca o concreto. Mostra as contradições. Quer conhecer as leis dos movimentos. Reproduz a realidade partindo da atividade pratica objetiva do homem. Visa a transformação e a mudança da realidade... (TEIXEIRA *apud* BOFF, 2000, p. 60)

Partindo desta perspectiva e da base conceitual apontada por Teixeira (2000) é que optamos em seguir esta trajetória, por considerar que a nossa pesquisa é de cunho social, procuramos analisar detalhes minuciosos para assim tecer inferências.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A) SOBRE A ENTREVISTA

Com isso, embasadas nas ideias de Lüdke e André (1986, p. 33), optamos pelo uso da técnica da entrevista semi-estruturada, pois, “ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados”. Além disso, (ibidem) “é importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista, sendo que, (...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca, entre quem pergunta e que responde”. Desta maneira, a entrevista tem característica peculiar na absorção de dados, em que a observação em si não consegue captar.

A) SOBRE O MEMORIAL

Partindo da premissa de que o nosso intuito era alcançar informações inerentes aos objetivos já explicitados anteriormente, para a realização deste estudo, fez-se necessário, portanto, optar pela escolha de um instrumento como o Memorial, o qual foi utilizado para que os sujeitos pesquisados pudessem narrar a sua história de vida na experiência vivida em meio ao processo (de) formativo desenvolvido pelo Coletivo Municipal de Jovens de Serrinha – BA (CMJ), relacionado com a formação adquirida durante esta vivenciada.

O LÓCUS E OS SUJEITOS

Esta pesquisa foi desenvolvida com jovens que militam no Coletivo Municipal de Jovens de Serrinha – BA (CMJ), o qual surgiu em abril de 2004, a partir de uma iniciativa ao Movimento de Organização Comunitária (MOC) e outras entidades na busca por uma organização maior da juventude rural da região. O MOC com sua abrangência conseguiu articular 22 municípios a fim de iniciar esse processo de criação dos coletivos de jovens nos municípios. O coletivo é formado por jovens filhos e filhas de agricultores familiares, que tenha entre 15 á 29 anos.

RESULTADOS DA PESQUISA

Para obter êxito nos resultados em nosso estágio e alcançar os objetivos pleiteados, realizamos observações de 15 a 16 de Julho de 2011 e intervenções de 30 de julho a 06 de Agosto dos jovens durante algumas reuniões, tais como: Conferência Municipal de Juventude (realizada no Município de Serrinha), registrando através de imagens, relatórios de campo e as propostas extraídas do GD (Grupo de Discussão) sobre “Juventude Rural”; Reunião para apresentação da nossa proposta de estágio para o grupo; Reunião para explanação e aplicação das questões norteadoras para a construção do Memorial de Vida junto aos jovens que compõem o CMJ e seus respectivos coordenadores.

ANALISANDO OS DADOS COLHIDOS: UM OLHAR SENSÍVEL ACERCA DOS ACHADOS

Mediante as visitas e acompanhamento dos Jovens que compõe o Coletivo Municipal de jovens, foi construído pelos mesmos um Memorial acerca da história de vida de cada um. A estes jovens que participaram da construção do Memorial serão representados por: JOVEM 1; JOVEM 2 E JOVEM 3.

Ao ser questionados a respeito do significado do CMJ em suas vidas o JOVEM 1, que no momento ocupa o cargo de coordenador geral do CMJ e representante de uma Cooperativa de produção de sua comunidade, respondeu que o mesmo significava muito, pois, lhe proporcionou uma posição de respeito e valorização, bem como um conhecimento maior sobre os movimentos sociais, percebendo ainda que estava em um processo de formação e esperava contribuir bastante. Já o JOVEM 2 é uma ex-coordenadora do CMJ e atualmente atua como coordenadora do Coletivo Regional Jovens e do Projovem Adolescente, respondeu que:

“O CMJ significa parte de minha vida, tudo que sou e que conquistei devo metade ao coletivo. Foi esse espaço que me possibilitou grandes aprendizagens e oportunidades que tenho outros espaços não oportunizariam, a exemplo da escola.(JOVEM 2)”

Desta forma, percebemos de forma notória que o CMJ alcançou algumas conquistas ao longo de sua existência, conquistas estas que possibilitou o reconhecimento do CMJ como uma organização jurídica da juventude, autônoma e política, com um grande poder de mobilização e debate, conforme menciona a JOVEM 2. Ainda como conquista, podemos mencionar a realização da Semana da Juventude em Serrinha, a qual foi construída com contribuição de cada integrante do grupo e o apoio do poder público, segundo os relatos do JOVEM 1, bem como a luta no decorrer do tempo a cerca da compreensão de ser jovem rural e protagonista de sua própria história, assim como afirma o JOVEM 3.

Se analisarmos toda a história dos movimentos sociais percebemos que estes espaços possibilitam muitas vezes uma visão crítica sobre as questões sociais, pois, os desafios do dia a dia permitem isso. Segundo a JOVEM 2:

Minha participação nessa trajetória me tornou uma pessoa autônoma, aprendi a respeitar e valorizar o lugar de onde vim, a defender a agricultura familiar e a fortalecer minha identidade de jovem rural e mulher negra. Tudo isso aconteceu graças ao caráter formativo que o CMJ assumiu desde que o criamos. Formação essa que se dá não apenas pela inerência que há aos movimentos sociais, mas, sobretudo, pela intencionalidade que tinha no coletivo. Temas como: protagonismo juvenil; cooperativismo; associativismo foram sempre pautados, e foi através dessas formações, das andanças, que me tornei o que sou hoje. Tenho muito orgulho de ser jovem rural e de participar de um grupo com a expressão política do Coletivo Municipal de Jovens. (JOVEM 2)”

“(...) o coletivo nos possibilita a chance de estarmos nos desenvolvendo enquanto jovem participativo e conhecedor dos seus direitos numa sociedade em que a maioria dos jovens ainda vivem na alienação e servindo como massa de manobra para o interesse de alguns. (JOVEM 3)”

RELATOS DE (IN) CONCLUSÃO

A experiência do Estágio em espaços não formais de ensino nos possibilitou reafirmar o discurso de que a educação não ocorre somente nas escolas e que sua aceção mais política encontra-se presente, com grande efervescência, nos espaços não escolares, sobretudo, construído pelas classes populares.

REFÊRENCIAS

AFONSO, Almerindo. **Sociologia da educação não escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática.** In: ESTEVES, Antponio Joaquim; ESTOER, Stephen(orgs)A Sociologia na escola:professores ,educação e desenvolvimento ,Biblioteca das ciências do homem.Porto:Ed.Afroamento,1992.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Por um tratamento público da educação do campo. Por uma educação do campo,** Brasília, n.5, p. 91-108, 2004.

BAPTISTA, Naidson de Quintella (org); BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro (org). **Educação Rural: Sustentabilidade do Campo.** 2. Ed. Feira de Santana/BA, MOC, UEFS, SERTA, 2005.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A cidadania Ativa. Referendo, plebiscito e iniciativa popular.** 2. Ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes.** São Paulo: Expressão Popular. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos/coordenação de Herbert Borges Paes de Barros e Simone Ambos Pereira; colaboração de Luciana dos Reis Mendes Amorim [Ed AL;]-** Brasília: Secretaria dos Humanos; Ministério da Educação, 2003.

DURKHEIM, Émile. **A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora.** In: PEREIRA e FORACCHI. Educação e sociedade. São Paulo: Nacional. S/D

DEMO, Pedro. **Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema.** São Paulo: Cortez. 2000.

_____. **Participação é conquista.** 5 ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e educação: ensaio.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTT, Moacir. **Concepção Dialética da Educação um estudo introdutório.** 8. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

_____. **Educação e Poder: introdução a pedagogia do conflito.** 10. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

GHON, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Teoria dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos.** 6. Ed. São Paulo: Loyola, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: Para que?.** 7. Ed. São Paulo, Cortez, 2004.

MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo. Atlas, 2003.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **1818-1883. Manifesto do partido comunista;** tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal, Porto Alegre: L&PM, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petropolis, RJ: Vozes, 2007